

Copyright © 2021 Cinthia Lucia de Oliveira Siqueira
Todos os direitos reservados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Siqueira, Cinthia Lúcia de Oliveira

Letramento na primeira infância : sugestões de
atividades para educadores [livro eletrônico] /
Cinthia Lúcia de Oliveira Siqueira. -- 1. ed. --
Curitiba, PR : Ed. da Autora, 2022.

PDF

ISBN 978-65-00-59954-1

1. Alfabetização - Formação de educadores
2. Alfabetização - Métodos 3. Educação - Formação
4. Leitura - Promoção 5. Letramento 6. Hábito de
leitura 7. Práticas educacionais I. Título.

23-141050

CDD-370.1523

Índices para catálogo sistemático:

1. Letramento : Primeira infância : Aprendizagem :
Educação 370.1523

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

APRESENTAÇÃO

A docência em Pedagogia e Artes Visuais aprimorou minha simpatia pela dimensão estética da vida, aquela que transcende a realidade, justamente porque possibilita relações sensíveis e criativas com o mundo, com os outros e conosco mesmo, no sentido de construir novas formas de existência singular e coletiva.

A ideia da presente escritura aconteceu quando a professora Rose Nicácio, coordenadora do curso de Pedagogia e diretora de ensino na cidade de Assis, convidou-me para ministrar uma formação em mediação de leitura para os professores. As escolas haviam acabado de receber caixas e caixas de livros infanto juvenis incríveis, daqueles que a gente quer levar para casa. E eu, envolvida com o ensino de literatura para o curso de Pedagogia, saboreei aquelas obras como se fossem sorvete.

Animada com as sensações e pensamentos que cada livro me provocava, elaborei um texto com a relação dos títulos que mais me emocionaram, seguido de possíveis propostas de interações criativas e enunciativo discursivas com as crianças. A Rose ficou bem empolgada e pediu que eu encadernasse o material. Ficou um tempo na espiral, até que, de tanto passar de mão em mão, resolvi publicar a partilha, no desejo

maior de iluminar práticas de leitura com crianças em sala de aula.

Este livro é fruto de encontros com educadoras e educadores com os quais convivi durante os anos em que atuei como formadora nas diretorias de ensino do Estado de São Paulo e pretende ser um convite à criatividade e à imaginação, alimentadas pela literatura infantil.

Boa leitura!

SUMÁRIO

NARRATIVA ORAL COMO MEDIADORA DE LEITURA E ESCRITA	4
É LENDO QUE SE APRENDE A LER	9
OLÁ LIVRO, MUITO PRAZER	12
BEM-VINDAS PRÁTICAS	15
SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA EDUCADORES	18

NARRATIVA ORAL COMO MEDIADORA DE LEITURA E ESCRITA

Contar e ouvir belas histórias são ritos antigos que enriquecem nosso interior, desenvolvem a linguagem, a fantasia e a imaginação - bases essenciais para o pensamento criativo. O conto encanta, pois remonta passados longínquos, visita lugares desconhecidos, apresenta personagens fascinantes, transmite e recria a herança de um povo.

No passado, as narrativas orais representavam fonte de experiência, sabedoria e conhecimento. A figura dos avós era símbolo do faz de conta, internalizado na mente das crianças, jovens e adultos. As brincadeiras infantis reproduziam e ampliavam as histórias extraídas dos livros e das experiências dos antepassados.

Os tempos mudaram: a relação intimista entre as gerações está prejudicada pela maciça invasão das imagens prontas (da televisão, do computador, dos jogos) e a nova figura do contador de histórias passa a ser o monitor. As interações são substituídas pelo isolamento e a criação cede espaço à reprodução dos estereótipos produzidos pela mídia.

Em um mundo sem tempo, torna-se necessário o resgate do instante mágico e acolhedor da contação de

histórias que favorece o encontro da criança com literaturas diversas e com a experiência dos entes mais velhos, além de incentivar a criatividade, a construção de textos, a ampliação do vocabulário, a intimidade com diferentes gêneros discursivos e, principalmente, a formação de pessoas mais sensíveis e empáticas.

Contamos histórias às crianças, porém, nem sempre temos claras as possibilidades dessa troca. A preocupação com o conteúdo e o didatismo exagerado roubam a essência da narrativa e aprisionam a criança num campo limitado de ideias. Histórias com fundo moralista, de aconselhamento, autoajuda ou acompanhadas de explicações detalhadas, retiram do texto a qualidade de ponto de partida e a convertem em estação final.

É preciso abandonar o utilitarismo e entregar o texto às surpresas do imprevisto, do imponderável, afinal, o significado maior das histórias é o não dito, o que guarda segredo e assume irreverentes interpretações.

Ao contar histórias, inserimos as crianças num campo imaginário sem fronteiras, ampliamos suas experiências, seu repertório e contribuímos com suas ousadias inventivas. Para Vigotski, se por um lado as experiências pessoais com determinados lugares, pessoas, objetos, nos proporcionam maior

possibilidade de imaginação, de outro, a imaginação também nos permite visitar lugares sem nunca tê-los sentido sob os pés, conhecer pessoas distantes e objetos ausentes. Esta segunda forma de relação entre a experiência e a imaginação seria a experiência contada/apresentada por alguém, seja em forma de gravura, fotografia, descrição, narração. Ou seja, a experiência alheia amplia a nossa própria através da imaginação.

Ao discutir a relação entre experiência e imaginação, Vigotski mostra como uma se apoia na outra e vice-versa. Ele comenta que é comum pensarmos que a imaginação da criança é mais rica que a do adulto, o que para ele é um engano, já que quanto menor a idade, menos experiências vivenciamos e, portanto, menos material está disponível para imaginar.

Ocorre que a criança confia mais nos produtos de sua imaginação e os controla menos, daí a falsa impressão de ser mais imaginativa. Por isso a necessidade do adulto mediador explorar seus recursos criativos para ampliar as possibilidades de criação da criança. Precisamos livrar os pequenos dos estereótipos de pensamento e ação e plantar neles a semente do novo, do surpreendente, da transformação.

O autor comenta que a experiência tem uma atividade criativa, pois resulta na construção de novas imagens ou ações, através da combinação e

reelaboração de elementos da experiência anterior, permitindo ao homem voltar-se para o futuro, modificando seu presente. Tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e criação humana que nela se baseia.

A imaginação não é uma faculdade mental dada a priori, ela está intimamente relacionada com as experiências. Não se cria do nada e, se queremos formar alunos criativos, escritores, autores de textos é necessário que eles tenham o que dizer, é preciso afofar a terra de seus pensamentos com histórias para que suas ideias germinem em abundância.

Vigotski diz que a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, desta forma, podemos pensar que qualquer experiência humana tem sua riqueza, suas possibilidades e sua forma de realização, o que não afasta a necessidade de uma atividade pedagógica também criadora capaz de viabilizar o acesso das crianças ao conhecimento produzido e sua participação na produção cultural.

Algumas crianças só têm contato com livros no ambiente escolar e a missão da escola deve ser mergulhá-las de cabeça no universo literário e

adquiram recursos para objetivarem-se por meio da linguagem.

As histórias, ao acrescentar experiências, ensinam as crianças a interpretar o mundo por infinitos olhares, assim, elas adquirem ideias para atuarem no mundo com autonomia.

Durante as interações com a linguagem do outro, seja escrita ou falada, a criança amplia seu próprio repertório linguístico. Para Vigotski, as relações interpessoais assumem um papel de extrema relevância no desenvolvimento das funções psicológicas superiores das crianças, pois são os outros, por meio da linguagem, que significam o mundo para a criança e contribuem para sua aprendizagem - conhecimento, compreensão e interpretação.

Neste sentido, não é o desenvolvimento que determina a aprendizagem, mas o contrário, a aprendizagem impulsiona e promove o desenvolvimento.

As interações que a criança estabelece com os adultos e crianças mais velhas criam uma zona de desenvolvimento potencial (ZDP) o que possibilita à criança realizar atividades que não realizaria sem a ajuda de uma pessoa mais experiente. Por meio das relações sociais a criança internaliza os signos de sua cultura e adquire autonomia para recriá-los, num

processo descontínuo, de rupturas, avanços e retrocessos que perdura por toda a vida. Diante desta concepção de desenvolvimento, o adulto assume papel de destaque, pois é mediador privilegiado na relação da criança com o mundo simbólico, com a leitura.